

## TÁCITO E O IMPERADOR TIBÉRIO CÉSAR AUGUSTO: UM EXAME DE SUA NARRATIVA HISTÓRICA E DE SUAS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO LITERÁRIAS

Rafael da Costa Campos

Universidade Federal do Pampa

[rafaelcampos@unipampa.edu.br](mailto:rafaelcampos@unipampa.edu.br)

**Resumo:** este artigo possui um duplo e modesto ensejo: um panorama das premissas historiográficas de Tácito e sua específica aplicabilidade na composição do *Princeps* Tibério César Augusto (14-37 D.C.), cuja narrativa está presente nos *Anais*.

**Palavras-chave:** *Tácito, Tibério César Augusto, Principado, Anais, historiografia.*

**Resumé:** cet article a un intérêt double et modeste: un aperçu des suppositions historiographiques sur Tacite et leur applicabilité spécifique à une étude de la composition de Tibère César Auguste (14-37 D.C.), dont le récit se trouve dans les *Annales*.

**Mots-clés:** *Tacite, Tibère César Auguste, Principat, Annales, historiographie.*

Públio Cornélio Tácito (55-117/120 D.C.) é uma referência imprescindível para os estudos sobre o estabelecimento do Principado romano bem como sobre a historiografia produzida no período. Oriundo da província da Gália e pertencente à aristocracia senatorial provincial, Tácito foi observador e participante político de praticamente meio século de transformações ocorridas nesse sistema político. Foi testemunha do fim da dinastia dos Imperadores da dinastia Júlio-Claudiana, ascendeu politicamente durante a dinastia Flaviana, e viveu o suficiente para observar a instituição da adoção como prática política do Senado para a indicação dos Imperadores da dinastia dos Antoninos.

No conjunto de sua obra<sup>1</sup> – e especialmente em seus dois últimos e mais extensos trabalhos, ambos fragmentados – a personalidade, o comportamento e as ações dos soberanos, membros da família imperial e da aristocracia senatorial e equestre romana receberam especial atenção, paralelamente aos conflitos militares, a administração imperial os costumes dos povos provinciais.

---

<sup>1</sup> *Diálogo dos Oradores* (81), a *Vida de Agrícola* (98), *Germânia* (98), as *Histórias* (106) e os *Anais* (115). As datas são aproximações e não representam consenso acadêmico.

---

De antemão esclarecemos que uma síntese da produção acadêmica sobre Tácito sob a forma de artigo ou ensaio é impensável, dado o tamanho de sua importância e influência no pensamento político ocidental. Deste modo, pretendemos exclusivamente debatermos algumas das principais e recentes premissas sobre esse autor para o exame de uma entre suas importantes personalidades retratadas: Tibério César Augusto (14 – 37 D.C.), segundo *Princeps* de Roma e sucessor de Otávio Augusto (27 A.C.-14D.C.), cuja narrativa está presente nos *Anais*.

Sobre o propósito de sua escrita, Tácito afirma nesta mesma obra (3.65.1): “reconheço o dever particular da história em prevenir que as virtudes não sejam silenciadas assim como não o sejam as palavras e ações perversas pelo medo da posteridade e da infâmia”<sup>2</sup>. Existiram várias significações em relação aos usos do passado e da historiografia dentro da convencional “tradição clássica”. Em amplos termos e com os gregos, embora Heródoto tenha assumido o registro de tradições e a preservação dos fatos dignos de memória frente ao esquecimento – cuja distinção entre as coisas vistas e ouvidas, bem como a confiabilidade dos documentos era essencial para a investigação –, Tucídides seria muito mais caro para os seus posteriores: somente o presente permitia informações mais confiáveis, e as ações humanas deveriam ser retratadas em termos de uma história política. Cícero – que versou sobre história sem se autodefinir como um historiador – constituiu adiante o fundo da cultura historiográfica ocidental e a ideia de história como mestre da vida (*historia magistra vitae*) (HARTOG, 2001, p. 15; MOMIGLIANO, 2004, p. 56-78).

De sorte que a historiografia que floresceu entre o final da República Romana e o início do Principado é de vasto escopo, interessa-nos aquele que inflexionou e trouxe um pessimismo destinado a condenar ou esquecer o presente, a questionar quais exemplos que a história poderia abarcar. Isso se deve ao fato de que parte dos historiadores inseridos neste contexto escreveram para justificar a magnitude do Império e suas consequências: para dizer o que melhorou, ou o que piorou com o tempo, em relação aos romanos ou os seus governados (SMITH, 2006, p. 414).

---

<sup>2</sup> *quod praecipuum munus annalium reor ne virtutes sileantur utque pravis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit.*

---

Tito Lívio e Salústio são notórias fontes de influência para Tácito e podem ser observados sob estes termos. O primeiro resgatou das origens romanas referenciais que tidos como esquecidos pela turbulência civil no final do período republicano, e que serviram à legitimação de Otávio Augusto. Já Salústio, ao abordar a Guerra Jugurtina e a Conjuração de Catilina, introduziu um conteúdo moralizante, de tonalidade dramática, que abdicou do rígido comprometimento com a perícia histórica, e realçou a natureza do poder e sua influência sobre o período.

Conseqüentemente, é no âmbito dos eventos e dos agentes sociais circunscritos à esfera do poder que podemos associar o segmento literário ao qual Tácito convergirá como um expoente. Porquanto Tácito não pretendeu apresentar um método exclusivo de investigação, sua narrativa combinou convenções da historiografia greco-romana com certo experimentalismo, mesmo que sem ousadia revolucionária: em suas obras observam-se abordagens biográficas, etnográficas, a retórica e a narrativa analítica. O exame do passado constituiu-se como o plano de fundo para criticar a inabilidade política e desvirtuação moral da aristocracia senatorial do Principado, uma análise do comportamento sociopolítico de seu próprio tempo. Com esse exame, o que se constata são os efeitos deletérios e inevitáveis presentes na essência do poder sobre a natureza humana: o poder imperial era um poder tirânico, degenerativo, fundado na corrupção dos costumes, na hipocrisia, na dissimulação, na crueldade. A compreensão desse poder deveria ser feita pragmaticamente, através da observação dos eventos do cotidiano político. Deste modo, para além das estruturas e dinâmicas tradicionais do Principado – a herança das instituições republicanas – Tácito pretendeu revelar, sumarizar e compreender como funcionavam os bastidores do poder imperial: a competição pública de seus concidadãos estava agregada aos interesses de preservação da dominância de seu soberano.

Imprecisões são naturais em seu texto. Ronald Syme (1958, p. 378-396) afirma que Tácito ignorou inúmeras proclamações imperiais, publicações de editos, bem como comete erros na descrição e na localização geográfica de batalhas, medidas políticas de Augusto e Tibério, equívocos e omissões genealógicas<sup>3</sup>. Em contrapartida, Tácito ressignificou a divisão analítica na historiografia romana. Enquanto que em autores como Tito Lívio a

---

<sup>3</sup> Para uma ampla discussão, ver também Syme (1982) e Wellesley (1954).

---

abertura dos anos consulares e o retrospecto cronológico dos acontecimentos condicionaram sistematicamente o texto, Tácito se valeu desta divisão como mote para introduzir temáticas de seu interesse.

Essa constatação nos ajuda a compreender, de modo mais amplo, qual seria a concepção de Tácito para as mudanças na história. Ronald Mellor afirma (1993, p. 135-6) que na escrita de Tácito encontramos um ideal de história que revivifica o passado por meio do conhecimento e da imaginação, pelo apelo ou pela manipulação dos sentimentos do leitor, mediante uma combinação de experiência pessoal e perícia literária que, para a audiência romana, resultava tanto em esclarecimento quanto em exaltação do passado.

Concordamos com essa assertiva, e destacamos o posicionamento ainda mais contundente de Holly Haynes (2003, p. 32, p. 180), para o qual a história produzida por Tácito é o desdobramento de uma *ficção*: seu texto é dividido entre uma representação ideológica de um passado concomitante a uma representação de seu próprio tempo, ambas caracterizadas pela exposição de relações imaginárias da sociedade imperial. Os sujeitos são recriações originárias das peculiaridades transmitidas sobre homens e mulheres do regime imperial, e que viveram entre os governos de Augusto e Nero. De modo semelhante, não se pode esperar de Tácito uma canonização atemporal de ideias ou abstrações sobre as transformações na história. À livre exploração temática resultante da reconfiguração da estrutura analítica soma-se artifícios sintetizados por T.J. Luce (2012, p. 340): o amplo uso dos componentes retóricos e a eficácia do autor em sempre oferecer dois posicionamentos distintos e persuasivos sobre determinado assunto; o desejo de entreter o leitor, nem que para tanto sacrificasse a pertinência de seus julgamentos, a consistência dos argumentos e a verossimilhança; a presença da dúvida por parte do próprio autor sobre certos assuntos e; a confissão sobre os conflitos de interpretação a partir das consultas que ele fazia ou não às evidências. O resultado final é o de que tanto os acontecimentos quanto os indivíduos analisados são diferentes e mutáveis: julgamentos são oferecidos caso a caso. Em seu clássico estudo sobre o tema, Ronald Syme afirmou (1958, p. 521) ser perigosa a tentativa de extrair estilo e convenções literárias, desenredar as “verdadeiras” opiniões deste historiador e penetrar sua personalidade, pois seria destacar o indivíduo e compositor literário de seu meio, a despeito de todas as técnicas e artifícios para tanto.

Nestes termos, acreditamos que a leitura da obra de Tácito traz consigo a percepção de um paradoxo que transmite uma intrigante e desconfortável sensação sobre a confiabilidade de um narrador que triunfou politicamente dentro de um sistema neuralgicamente por ele questionado. De acordo com Saylor (2008, p. 49-50), Tácito não corresponde ao narrador *outsider*, alienado ou exilado de seu cotidiano: essa proscricção antipatizaria com a projeção político-pessoal indispensável ao seu grupo social, não obstante reafirmasse a irremediável necessidade de se relacionar (e os perigos de se opor abertamente) ao *Princeps*. Em contrapartida, a intensidade da ideia de alienação transmitida por Tácito ocorre por inserir não somente a si mesmo, mas toda a aristocracia senatorial ao conjunto.

Como exemplo, mencionamos o episódio do assassinato de Agripa Póstumo, logo no início de seu governo. A morte de um dos enteados do falecido Augusto se deu imediatamente na transição do poder, em uma circunstância cercada de rumores, em que um dos mandantes poderia ter sido ou Lívia Drusila, mãe de Tibério, ou mesmo o próprio Imperador. De acordo com Tácito (*Anais*, 1.6.1-3), quando o centurião encarregado da execução de Agripa Póstumo reportou o êxito da tarefa para o *Princeps*, este teria sido surpreendido: Tibério alegou imediatamente que a ordem não partira dele, e que o relato do acontecido deveria ser repassado ao Senado. Sabendo disso, Salústio Crispo – um associado da família imperial e membro da corte – se apressara a alertar Lívia, mãe do Imperador, que “os mistérios da residência imperial (*arcana domi*), o conselho de amigos e os serviços dos soldados não deveriam ser tornados públicos, e nem que Tibério dissipasse a força do Principado (*neve Tiberius vim principatus resolveret*) ao expor tudo à atenção do Senado” (TÁCITO, *Anais*, 1.6.3).

Deste modo, durante o Principado não somente Tácito, mas toda a aristocracia senatorial era, com efeito, descrita enquanto *outsider* na verdadeira trama do poder. Embora pouco edificante fosse a sua verdadeira natureza, as mais importantes funções e decisões do estado estavam reservadas à residência imperial: esta era uma condição indelével dos tempos por ele narrados e, por conseguinte, o ambiente do poder qualificaria os indivíduos que nele inseridos compusessem as relações de poder.

Para ilustrar essa dinâmica, e conseqüentemente questionar a legitimidade de sua figura central, um exemplo decisivo – e condenatório – se refere à insinuação de que Tibério só viera a ser o principal herdeiro de Augusto mediante as consecutivas mortes de Agripa, Gaio e Lúcio César. Este dado, conquanto objetivo, ganha outros contornos quando se torna repleto de suposições:

E este [Tibério] foi durante a primeira infância conduzido à residência real; enquanto jovem foi abarrotado de consulados, triunfos; nem mesmo durante seus anos em Rodes, cuja demonstração de reclusão ele transformou em um exílio, contemplara coisa outra que não ira e fingimento e divertimentos secretos. A isso se soma a mãe [Lívia] pela indisciplina feminil, tendo sido subserviente à mulher e aos dois adolescentes [seu filho Druso e enteado Germânico], para que neste ínterim oprimam o Estado e em algum momento o dilacerem (TÁCITO, *Anais*, 1.4.4-5).<sup>4</sup>

Feita esta leitura, temos a impressão de que Tibério era naturalmente pérfido, que sua ascensão se deveu à participação de sua mãe – uma distorção do papel da mulher romana, idealmente alijada da vida pública –, e que sua “utilidade” condizia à necessidade de ser o preceptor de seu filho e enteado. Futuramente estes últimos poderiam se tornar imperadores no futuro, devido à legítima consanguinidade com a família Júlia e, portanto, de Júlio César e Otávio Augusto. Por fim, temos ainda uma crítica ao Principado enquanto sistema político, mais explicitamente ao dano que a família imperial Júlio-Claudiana impôs sobre a liberdade.

Por outro lado, Tibério não cria o espectro da tirania característico ao Principado, tão somente o revela. Esta impressão se faz presente já no início do primeiro livro, quando Tácito reconstrói uma controvérsia circunstancial à época do falecimento de Augusto (*Anais*, 1.10.1-3). Neste trecho, os elementos de consenso e unidade política e militar oficialmente disseminados – como encontramos mediante a *Res Gestae Divi Augusti* – são contrapostos por outros, que ressaltam um desejo de dominação (*cupidine dominandi*), a subordinação e organização de um exército privado por um Augusto ainda jovem, e que extorquirá o consulado de um Senado incapaz e colocara as legiões umas contra as outras. Como resultado, o autor conclui que temos “após isto [o triunfo de Augusto] sem dúvida a

---

<sup>4</sup> *hunc et prima ab infantia eductum in domo regnatrice; congestos iuveni consulatus, triumphos; ne iis quidem annis, quibus Rhodi specie secessus exul egerit, aliud quam iram et simulationem et secretas lubidines meditatam. accedere matrem muliebri inpotentia: serviendum feminae duobusque insuper adulescentibus, qui rem publicam interim premant, quandoque distrahant.*

paz, [uma] verdadeiramente sangrenta” (*pacem sine dubio post haec, verum cruentam*) (TÁCITO, *Anais*, 1.10.4).

De acordo com Ronald Mellor (1993, p. 14), o apelo crítico sobre a perda da “inocência” política da sociedade romana pós-republicana serve como a justificativa para o prólogo taciteano, que sintetiza em pouco mais de nove capítulos o governo de Augusto, e do qual o trecho acima analisado faz parte. Sua tônica se repete na narrativa tiberiana, em que a predominante exposição do cotidiano político da aristocracia senatorial da Cidade de Roma funda-se em uma percepção ressentida sobre a inevitabilidade desta estrutura de poder. Assim, de um lado temos uma noção nostálgica de liberdade republicana fornecida por Tácito, ceifada pelo Principado, e de outro a articulação de uma dinâmica de interesses dos segmentos sociais com a família e a corte imperial (GALVÃO, 2004, p. 329).

Igualmente, A.J. Woodman assevera (2004, p. 12-13) que entre o governo de Augusto e o de Tibério, o Principado já não seria mais um fenômeno político transitório, e sim duradouro. Contudo, este carregava a sobrevivência de uma *res publica* cuja polissemia – a coisa pública, o conjunto dos cidadãos romanos, e o estado romano republicano/imperial – passou a agregar a existência de um *imperium* (termo igualmente polissêmico) dependente do *Princeps*<sup>5</sup> e de uma dinâmica de consenso entre seus consortes, familiares e governados. Deste modo, diante das ordens do Imperador, nenhum aspecto da tradição permaneceu intocado, em que Tácito via “poucos discutindo em vão as vantagens da liberdade, muitos temendo a guerra, outros a desejando” (*pauci bona libertatis in cassum disserere, plures bellum pavescere, alii cupere*) (*Anais*, 1.4.1)<sup>6</sup>.

Diante de todos esses elementos, a relação de oposição entre liberdade e escravidão é uma manifestação proeminente no texto taciteano. O governo de Tibério César pode ser considerado como o momento em que a fachada republicana da dominação imperial se desfez. Nesse contexto, a capacidade de o homem agir com liberdade pessoal de conduta e caráter opôs-se decisivamente ao vazio da dissimulação e da bajulação, caracterizada

---

<sup>5</sup> Para a polissemia dos termos *res publica* e *imperium*, Cf. EHRENBERG, 1974, p. 112 e ADCOCK, 1989, p. 20.

<sup>6</sup> A liberdade existe quando um homem pode falar o que pensa sem temor de represália, ou quando o Senado pode deliberar e decidir sem a necessidade de conciliar as suas demandas com as intenções do Imperador. Sendo assim, para Tácito *libertas* é uma liberdade de expressão possível diante do governo de um bom *Princeps*. Além disso, *libertas* não é somente algo que existe ou que o Imperador forneça para os cidadãos em seu governo, mas é algo que estes reivindicam para si como uma atitude que emerge da própria vontade do indivíduo (PERCIVAL, 1980, p. 125).

---

metaforicamente pela servidão (*seruitium*). A oposição entre escravidão e servilismo direcionou-se especialmente aos membros da aristocracia, que embora ainda detivessem reminiscências de uma memória republicana, desde então se relacionavam com o Imperador da mesma maneira com que um *seruus* se relacionava com seu *dominus*, salvo algumas exceções (JOLY, 2004, p. 141-146).

Uma vez tendo elencado alguns dos principais aspectos presentes em estudos mais recentes sobre Tácito, podemos afirmar que, naturalmente, a trajetória de contemporânea de estudos sobre este soberano ocorreu quase que concomitantemente com novas reflexões sobre seu principal narrador. Tendo como eixo a relação entre a composição narrativa deste autor e a elaboração taciteana de Tibério, alguns expoentes merecem ter suas contribuições sintetizadas.

Primeiramente em 1912, Thomas Spencer Jerome (p. 265) apontou para uma contestação das generalizações existentes nos *Anais* referentes às ações políticas mais impactantes atribuídas por Tácito a este Imperador: as denúncias e julgamentos por crime de traição à majestade imperial. Mediante uma primeira leitura, tem-se a impressão – que não se sustenta sob uma análise mais cuidadosa do texto, repleta de insinuações inconclusivas – de que o espectro de uma “tirania sangrenta” englobou todos os anos consulares. Anos mais tarde, G.A. Harrer (1920, p. 61-65) constatou que a tradição literária desfavorável a Tibério não foi inventada Tácito, e sim corroborada por ele, uma vez que considerações sobre a personalidade, atitudes ou eventos protagonizados por esse *Princeps* e outros indivíduos a ele relacionados estão presentes também em autores como Suetônio ou Dion Cássio.

Posteriormente, Ronald Syme (1959, p. 420) complementou essa perspectiva: a representação de Tibério pertenceu ao consenso de uma opinião pública letrada, que Tácito habilmente converteu em uma “obra de arte”; Tácito teria se valido também da experiência pessoal sob o governo de Domiciano – que teria hábito de estudar os documentos oficiais do período tiberiano –, e sido influenciado pela similaridade de ambos os imperadores em relação a uma cuidadosa administração e enérgica perseguição aos acusados por traição à majestade imperial. Anos antes, Scott (1932, p. 139-151) já havia concluído que, de maneira geral, os discursos imperiais presentes nos *Anais* atribuídos a

Tibério e por ele proferidos são carregados de aspereza, hostilidade e intolerância (*diritas*). Sem a exclusão da plausibilidade desse comportamento em muitas invectivas a governadores extorsivos, senadores bajuladores ou familiares ambiciosos, em última instância este padrão comportamental político cristalizou o antagonismo presente na representação deste *Princeps* e legados pela própria tradição.

Por outro lado, é importante destacar que, embora consideremos o acesso às atas senatoriais do período como principal método de reconstituição desses discursos, é bastante provável que o estilo breve, grave e parcimonioso de Tibério seja inerente também à retórica de Tácito, o que nos permite prever alterações nas possibilidades de interpretação, e objetivamente nos apresentam um Imperador misterioso, moroso e violento. Esta influência é evidenciada pela quantidade de adjetivos correlatos que qualificam suas falas e o sentido a elas atribuído: áspero (*aspero*), obscuro (*obscurus*), turbulento (*turbidus*) (MILLER, 1968, p. 12). Nesse mesmo escopo, Stephen Daitz (1960, p. 30-52) afirmou que Tácito empregou a descrição direta e a autorevelação do caráter como técnicas para constituir a *persona* de Tibério. Assim, a primeira técnica naturaliza a arrogância (*superbia*) como típico de sua linhagem (TÁCITO, *Anais*, 1.4.3); a hipocrisia, já que era hábito “ocultar com palavras” (*verbis obtegere*) os seus crimes (TÁCITO, *Anais*, 4.19.2); ou a cautela paranoica que solapava a liberdade política de expressão, uma vez que Tibério ao mesmo tempo “temia a liberdade” (*libertatem metuebat*) e “odiava a adulação” (*adulationem oderat*) (TÁCITO, *Anais*, 2.87). Por sua vez, a técnica de autorevelação consistiu da análise da personalidade do Imperador a partir de seus pronunciamentos. Como exemplo, Tácito desconstrói a recusa de Tibério às ofertas de culto pessoal que foram feitas por chefes provinciais, insinuando que sobre esta atitude “alguns interpretam modéstia, muitos outros, porque desconfiam, como degeneração de espírito” (*alii modestiam, multi, quia diffideret, quidam ut degeneris animi interpretabantur*) (TÁCITO, *Anais*, 4.38.4).

A esta passagem podemos ressaltar o emprego de sentenças (*sententiae*), uma habilidade difundida e valorizada na literatura romana. Mediante categorizações, generalizações e julgamentos, este autor soube entrecortar seus relatos históricos com “máximas” expressivas e concisas que fornecessem padrões para a compreensão do

---

passado e do presente. As *sententiae* de Tácito fornecem ao leitor a impressão de que o interlocutor possuía um conhecimento natural e irrepreensível sobre o comportamento dos homens e do sistema político no qual estes se inseriam: breves e concentradas sentenças, geralmente interligadas umas nas outras assindeticamente. De acordo com Löfstedt (1948, p. 1-3), há uma conjunção entre poesia e prosa no tocante aos usos retóricos desse recurso na literatura historiográfica romana. Esta condição teria se somado à personalidade de Tácito, que exibe uma seriedade sombria e movimentação ativa, em que a retórica, longe de ser vazia, evidencia os componentes psicológicos dos personagens e as tramas descritas.

Tácito também utilizou o *innuendo* (a insinuação) para transmitir a impressão de que este se exime da responsabilidade de fornecer um julgamento diante dos eventos os quais descreve, e que teve enorme impacto no texto taciteano. Um dos primeiros e principais expedientes dentro desta técnica é a isenção de acusações diretas sobre os crimes que ocorrem durante o texto; esta hesitação em fazer tais acusações se mostra bastante contrária ao intento de Tácito em relatar motivos, analisar razões para determinados acontecimentos, reconstruir pensamentos, sentimentos e intenções (RYBERG, 1942, p. 383-404). Como exemplo, podemos retornar ao mesmo excerto já analisado (TÁCITO, *Anais*, 1.4.4-5): os anos em que Tibério estivera na ilha de Rodes significaram, além de reclusão, o afloramento de sua torpeza de caráter e a devassidão moral. Contudo, Tácito não fornece nenhum elemento objetivo para esta constatação.

O emprego do *innuendo* fica ainda mais claro quando o autor reconstituiu a mesma estrutura argumentativa para se referir ao segundo afastamento de Tibério. Em 26 d.C., no décimo segundo ano de governo, o *Princeps* deixou Roma para residir – definitivamente – na ilha de Capri. Em consideração às razões que levaram ao afastamento do *Princeps*, Tácito afirma (*Anais*, 4.57.1) que, embora tivesse seguido a maioria dos autores (*plurimus auctorum*) e atribuído o fato às ações de Sejano, mesmo após sua eliminação Tibério permanecera na ilha; a real motivação de seu distanciamento originara-se dos próprios desígnios do Imperador, que desejava esconder a sevícia (*saevitiam*) e a libidinagem (*libidinem*). Tácito também argumenta (*Anais*, 4.57.3) que Tibério foi extenuado pela indisciplina (novamente *impotentia*) de sua mãe; teria sido ela que evitara que Germânico

César, preferido de Augusto e do povo romano assumisse o poder, e que implorara para que o falecido *Princeps* associasse Tibério como seu pai adotivo.

Nesse sentido, Kristine Gilmartin defende (1974, p. 216-222) a predileção de Tácito em transmitir em sua narrativa a incômoda sensação que a ambiguidade e a insinceridade poderiam provocar em um ambiente de dissimulação (*dissimulatio*). Simula-se uma ampla gama de valores ou sentimentos: o amor (*amor*), a constância (*constantia*), a discórdia (*discordia*), a lealdade (*fides*), a firmeza (*firmitudo*), a alegria (*laetitia*), o mal-estar (*morbus*), a deferência (*obsequium*), a seguridade (*securitas*). Igualmente, a “aparência” (*species*) relaciona-se com a dissimulação: aparência de liberdade (*species libertatis*), amizades aparentes (*species amicitias*), aparência de reconciliação (*species reconciliationis*), aparência de reputação (*species honoris*)<sup>7</sup>. Por outro lado, o verbo *uelle* (querer) e a *voluntas*, virtude que se atribui aos Imperadores, dá lugar aos impulsos, nos remetendo ao plano psicológico e ao apelo dramático de seus personagens: *ira, invidia, odium, simultates, cupiditas, studium* (COUSIN, 1957, p. 237; MILLER, 1964, p. 290-296).

Por último, a elaboração de obituários, sínteses sobre a vida de um personagem ilustre, foi outra importante característica presente na narrativa taciteana. O elogio fúnebre, as laudações e homenagens pelos atos e virtudes de um cidadão romano sempre tiveram grande relevância em Roma: após a celebração de um *obsequium*, homenagem decretada pelo Senado e com o custeio do erário público, o pronunciamento era destinado para um arquivo. A técnica obituária, ao mesmo tempo em que reafirma a preocupação de Tácito com parte da tradição literária subsidiada pelos arquivos senatoriais, serve a ele como elemento criativo para demonstrar sua preocupação com as vicissitudes da ordem governante<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Segundo Cousin (1957, p. 238), o termo *species* é utilizado 154 vezes nas obras de Tácito.

<sup>8</sup> Os obituários referem-se a vinte pessoas, geralmente inseridos ao final da crônica anual de eventos estabelecida pela construção analítica da obra (*Anais*, 3.30, 3.48, 3.75; 4.15, 4.44, 4.61; 6.10, 6.27, 6.39; 13.30; 14.19, 14.47), sem levar em consideração os comentários acerca da vida de Tibério (*Anais*, 6.51), Lívia (*Anais*, 5.1), Júlia (*Anais*, 1.53), Júlia Menor (*Anais*, 4.71) e o funeral da viúva de Cássio (*Anais*, 4.76), e breves asserções sobre algumas mortes que estão presentes na narrativa. Destes obituários, quatro são registrados explicitamente como os últimos acontecimentos do ano, dois são de fato os últimos itens da narrativa, quatro são os penúltimos, e ainda assim somente dois dentro do corpo da narrativa. Dos elogios feitos, cinco são relacionados a cidadãos individualmente, um relacionado a um grupo de três pessoas, e o resto está disposto em pares. (SYME, 1958, p. 18).

Dois exemplos demonstram a importância dessa técnica. Ao sumarizar a vida de Gneio Pison – que cometera suicídio antes que esse fosse julgado e condenado pelo envenenamento de Germânico César, virtual sucessor no poder – Tácito aproveita a ocasião para escarnecer das homenagens feitas pelo Senado a toda a família imperial, ratificado por Tibério com a construção de um templo para Marte Vingador (*Mars Ultor*), constando nele inclusive a menção ao futuro Imperador Cláudio, completamente ignorado naquele momento dentro do quadro sucessório:

A mim, quanto mais reavalio os [fatos] antigos ou recentes, tanto mais sou confrontado com a zombaria dos afazeres dos mortais em todas as suas atividades. Pois em relação à reputação, a expectativa e a veneração todos os homens eram mais bem designados para o comando do que o futuro *Princeps* que o destino ocultamente reservava (TÁCITO, *Anais*, 3.18.4).<sup>9</sup>

O próximo exemplo nos permite observar também que a elaboração dos obituários incita o leitor a partilhar de uma nostalgia do passado republicano mediante o contraste com a caracterização pessimista dos tempos posteriores (SYME, 1958, p. 27). Assim, uma condensação do estilo taciteano e da unidade temática presentes durante a extensão dos *Anais* pode ser observada a partir do obituário do próprio *Princeps*:

Seus hábitos podem ser igualmente divididos em etapas: uma excepcional em vida e reputação enquanto indivíduo privado ou no comando sob Augusto; oculta e mentirosa ao forjar virtudes enquanto sobreviveu Germânico e Druso; do mesmo modo foi uma mescla entre o bem e o mal com sua mãe viva; uma ferocidade infame, mas com a libidinagem acobertada enquanto estimou ou temeu Sejano: finalmente irrompeu ao mesmo tempo em perversidade e indecoro depois que, com o pudor e o temor removidos, somente à sua natureza se inclinou<sup>10</sup> (TÁCITO, *Anais*, 6.51.3).

Podemos concluir retomando às afirmações supracitadas sobre a influência do contexto político em que Tácito se encontrou durante sua carreira pública e sua produção literária. Uma vez que consideramos os *Anais* como o vértice do amadurecimento de sua técnica e o momento em que este autor conseguiu melhor sintetizar sua visão perspectiva sobre o Principado, concordamos com Barbara Levick (1976 [1999], p. 177-8), que complementou o argumento de Syme ao afirmar que a composição de Tibério e de seu governo não foi influenciada apenas pelas comparações com os difíceis tempos de

<sup>9</sup> *mihi quanto plura recentium seu veterum revolvo tanto magis ludibria rerum mortalium cunctis in negotiis obversantur. quippe fama spe veneratione potius omnes destinabantur imperio quam quem futurum principem fortuna in occulto tenebat.*

<sup>10</sup> *morum quoque tempora illi diversa: egregium vita fama que quoad privatus vel in imperiis sub Augusto fuit; occultum ac subdolum fingendis virtutibus donec Germanicus ac Drusus superfuere; idem inter bona mala que mixtus incolumi matre; instabilis saevitia sed obtectis libidinibus dum Seianum dilexit timuitve; postremo in scelera simul ac dedecora prorupit postquam remoto pudore et metu suo tantum ingenio utebatur.*

---

Domiciano, mas também por comparação ao governo de Adriano (mencionaríamos também Trajano), e em boa medida também na comparação entre Tibério e seus sucessores durante a dinastia Júlio-Claudiana. À isso somou-se também a versatilidade – ou a prática costumeira – da associação de diversos tipos de documentação díspares em escopo e veracidade, e também da variedade estilística enriquecedora de sua retórica. Mais ainda, à inclinação deste autor à tradição escrita e oral ratificou uma construção coletiva da personalidade deste *Princeps*, especialmente seus hábitos privados, tão bem explorados por Suetônio. Sem dúvida este último aspecto também fascinara Tácito, e não por acaso os seis primeiros livros dos *Anais* referentes são considerados o ponto alto de sua escrita.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADCOCK, F.E. *Las ideas políticas y la práctica política em Roma*. Caracas: Instituto de estudios politicos, 1989.
- EHRENBERG, Victor. "Some roman concepts of State and Empire". In: *Man, State and Deity*. London: Methuen & Co, 1974. pp. 107-126.
- FANTHAM, Elaine. "The coming of Principate: Augustan Literary Culture". In: *Roman Literary Culture: From Cicero to Apuleius*. Baltimore: The John Hopkins University, 1996. pp. 55-101.
- GINSBURG, Judith. "*In maiores certamina: past and present in the Annals*". In: *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1993. pp. 86-103.
- \_\_\_\_\_. "The beginning of the year in Tacitus". In: ASH, Rihannon (org.). *Tacitus – Oxford Reading in Classical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2012. pp. 259-280.
- GALVÃO, Carlos. "Autocracia, ressentimento e engajamento político no Principado Romano". In: *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. pp.
- GUARINELLO, Norberto. "Uma morfologia da História: as formas da História Antiga". *Politéia*, Vol. 3, Nº 1, p. 41-61, 2003.
- HARTOG, François. *A história entre Homero e Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- HAYNES, Holly. *The history of make-believe: Tacitus on Imperial Rome*. Los Angeles: University of California Press, 2003.
- LEVICK, Barbara. *Tiberius the politician*. London: Routledge, 1999.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004.
- MELLOR, Ronald. *Tacitus*. London: Routledge, 1993.
- PERCIVAL, John. "Tacitus and the Principate". In: *Greece & Rome*, Vol.27, No.2. London: The Classical Association, 1980. pp. 119-133.
- SAYLOR, Dylan. *Writing and Empire in Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SINCLAIR, Patrick. "Sententious Worlds and Character Types". In: *Tacitus the sententious historian: a sociology of rhetoric in Annales 1-6*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 1995. pp. 1-32.

SMITH, Rowland. "The Construction of the Past in the Roman Empire". In: POTTER, David (org). *A Companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. Pp. 411-438.

SYME, Ronald. *Tacitus*. 2 volumes. Oxford: Oxford University Press, 1958.

\_\_\_\_\_. "Tacitus: some sources of his information", *Journal of Roman Studies*, vol. 72, pp. 68-82. 1982.

WELLESLEY, K. "Can you trust Tacitus?", *Greece & Rome*, vol.1, n.1, pp. 13-33. 1954.